

“Da Ética e da Moral Rosacruziana”

No mundo profano existem muitas definições de Moral, podendo a mesma ser considerada um conjunto de valores instituídos no seio de um grupo que definem um padrão de conduta social, dando indicação sobre o certo e o errado. A Moral pode assim ser mutável porque evolui.

Por outro lado a Ética pode ser definida enquanto uma parte da filosofia dedicada ao estudo dos valores morais e princípios ideais do comportamento humano. A Ética é assim uma filosofia da Moral, uma reflexão acerca da moral.

Nesta mesma linha de pensamento poderíamos inferir que a Moral rosacruziana se preocupa com as normas inerentes à boa convivência entre rosacruzianos e deles com o Mundo profano, com um respeito acrescido por valores como a tolerância, mas não se confundindo a mesma com permissividade, liberdade, não se confundindo esta com a libertinagem, a solidariedade e a caridade, a responsabilidade recíproca entre os seus membros e destes para com as sociedades e a Humanidade.

Acresce a esta Moral a Ética rosacruziana, que, dentro deste mesmo contexto, terá por objectivo a reflexão sobre os fundamentos dos princípios morais rosacruzianos e sobre os deveres e obrigações dos rosacruzianos nas suas vidas, entre si, nas sociedades e como parte integrante da Humanidade. Historicamente a Ética e a Moral são conceitos indissociáveis mas diferentes entre si, segundo algumas doutrinas, como a tradição filosófica grega. No entanto também podem ser considerados conceitos de igual significado, e assim é, nomeadamente, na linha de pensamento da tradição romana.

A doutrina que defende esta última perspectiva, baseia-se na origem grega da palavra Ética, *Ethos*, que significa “modo de ser” ou “costumes”, e na origem da palavra “Moral” em latim, *Mores* - “costumes”.

No Mundo ocidental salienta-se a influência dos filósofos gregos, fundamental no desenvolvimento do conceito da Ética e da Moral, destacando-se nomeadamente Sócrates (469 a.C.), Platão (427 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.). Todos estes filósofos são de importância para a evolução e base dos conceitos da Moral e da Ética.

Para Sócrates a Ética seria sempre a juíza individual das normas sociais, normas estas que o homem deve seguir não apenas pelo “costume”, ou tradição, mas em consciência, fruto da sua própria reflexão sobre as mesmas.

Platão desenvolveu uma das mais completas teorizações acerca da Ética. A Ética de Platão é transcendente e idealista, fundamentada no mundo inteligível, centrada nas Ideias do Bem e da Justiça. Aristóteles tem uma visão realista e empirista da ética e da moral, que parte da realidade empírica do mundo e questiona as condutas humanas e a organização social. O autor coloca a tónica no conceito de Virtude e na sua aplicação prática, defendendo que se consegue a virtude intelectual pela via do ensino, e a virtude moral pela força ou exposição ao hábito.

Mais tarde na História, destaca-se no entanto, e é de importância vital para os rosacruzianos, a figura máxima da Moral ocidental, e de todo o Cristianismo, Jesus de Nazaré, Cristo-Jesus. Cristo-Jesus é na verdade quem “revoluciona” o conceito de ética e de moral da época, e até aos dias de hoje, pela doutrina do Amor e Serviço ao Próximo, e do Perdão.

Não mostra permissividade e aceitação do “mal”, mas sim a prática da tolerância, do perdão, a possibilidade de redenção e expiação da culpa pelo arrependimento e a transformação renovada do homem, pela pureza de coração, pelo amor ao próximo, pelo Serviço.

Cristo-Jesus protagoniza a vivência da doutrina cristã, base doutrinária essencial para a Moral e ética cristãs, na sua essência, e que lamentavelmente mais tarde foram modificadas, e mesmo transfiguradas pela manipulação deliberada com interesses políticos ou religiosos, bem diferentes dos que estiveram na sua raiz – a verdadeira doutrina de Cristo-Jesus., à qual todos os rosacruzianos deverão permanecer fiéis nas suas vidas.

A filosofia de Aristóteles, juntamente com as conceptualizações de alguns pensadores cristãos como Agostinho (séc. IV d.C.) e Tomás de Aquino (séc. XIII d. C) desenvolveram os conceitos de ética cristã, e foram a matriz do cristianismo medieval, distante do que foi a doutrina na sua origem. A Moral é um conceito abordado ao longo na História, onde se destacam mais recentemente os pensamentos de Espinosa (1632 d.C) e de Descartes (1596 d.C.), no advento do Movimento Iluminista do século XVIII. Posteriormente é Kant (1724), e vários grandes nomes do Iluminismo, quem abrirá finalmente caminho à moderna concepção de ética nas sociedades ocidentais. Reflectindo acerca da evolução do conceito de ética e moral ao longo da história e naquilo que ele representa hoje nas sociedades, saliente-se o pensamento na filosofia do alemão Nietzsche (1844). Num olhar superficial sob a filosofia de Nietzsche, a Moral surge como uma “prisão”, que impede o ímpeto, por ela condenado. Sendo o ímpeto de poder condição essencial para que se possa conquistar ou atingir o super-homem, na perspectiva de Nietzsche, toda a sua filosofia irá fazer-se por oposição à Moral, sendo ela a responsável pela falha do homem em “matar deus”, sem o que não poderá tornar-se no super-homem criador.

No entanto, num aprofundamento do pensamento deste filósofo, podemos compreender uma moral que se afasta do dogma e se aproxima de uma moral renovada, livre e tolerante, responsável, que faz uso pleno da Razão (na linha de pensamento de Descartes), combatendo o medo e a superstição, e indo à procura da Verdade (tal como defendia Espinoza), não aceitando a imposição de um pensamento único.

Neste sentido, encontramos identificação à moral rosacruciana, se correctamente interiorizada, em liberdade, que deve ser desenvolvida por cada rosacruciano no caminho do aperfeiçoamento ou aprimoramento moral. É na verdade o aperfeiçoamento moral do homem, e não o ímpeto defendido por Nietzsche, que é o método para conquista do “super-homem”.

Ao contrário de algumas leituras do pensamento do filósofo alemão, a conquista do Eu superior não passa pelo ímpeto do poder, mas sim traduz-se no controlo e uso direccionado desse ímpeto, através do domínio de si mesmo e das paixões.

O super-homem seria assim “atingível” não num “deus morto”, mas num deus vivo que é o divino que reside em cada um de nós, corpos que são templos sagrados onde deus se encontra. O super-homem consiste pois no encontro do homem com a sua centelha divina, o seu deus interno.

Este é em verdade o caminho do aperfeiçoamento moral rosacruciano, o da libertação e transformação das paixões, onde o ímpeto se inclui, e, livre dos vícios, em pleno controlo de si mesmo, tem então o homem total liberdade no recto pensar, no recto sentir e no recto agir.

Neste mesmo sentido a Moral rosacruciana é regida por valores mais elevados, uma forma de moral e de ética em simultâneo a que podemos chamar uma “Ciência da Moral”, que estabelece os valores e os pensa, que os reflecte e questiona, que os coloca à prova, que os experimenta e rectifica, numa procura incessante do “desvendar a verdade”, em busca do aperfeiçoamento contínuo.

O Rosacrucianismo levado à prática pelos seus membros, cria e aperfeiçoa “hábitos”, através da vivência, que contribuem para a evolução de todos e de cada um ao nível interno.

É no entanto da responsabilidade de cada rosacruciano direccionar a sua vida, pelo dom da inteligência e do discernimento, usando os dons da Vontade e da Liberdade, em prol do Bem comum, do Bem da Humanidade.

A Moral rosacruciana, tal “ciência da moral”, permite o aperfeiçoamento contínuo e progressivo, através do qual se vai tomando consciência de que somos parte de um todo Uno que é a Humanidade. A partir deste sentimento de pertença de um único Corpo Vivo caminhamos ao encontro da nossa centelha divina, do nosso potencial criador. A moral rosacruciana reflecte-se na vida de cada rosacruciano, gerando a transmutação interior, que nos torna responsáveis pelo nosso próprio futuro, influenciando a Humanidade e o Universo que é Uno e que integramos.